

Geração canguru: fatores associados à permanência dos jovens cearenses no ambiente familiar de origem.

Resumo: A geração “canguru” é formada por jovens que prolongam a convivência na casa dos pais mesmo após atingir determinada independência financeira. Sabendo que tal aspecto continua pouco explorado no Brasil, sobretudo a nível estadual, o presente artigo tem o objetivo de investigar os determinantes dessa geração de jovens com idade entre 25 e 34 anos no estado Ceará. Para tanto, considera-se a influência da conjuntura familiar e o diferencial de gênero. Faz-se uso de um modelo econométrico de ordem qualitativa, o *logit* Multinível. Os dados são da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do ano de 2012. Os principais resultados demonstraram forte influência da estrutura familiar sobre a decisão de ser canguru. Assim, existem fatores não observados dentro do lar afetando o comportamento do jovem adulto. Por fim, independente do gênero do jovem, aqueles que possuem mãe viva e são estudantes apresentam maior probabilidade de ser canguru.

Palavras-chave: Geração Canguru; Determinantes; Ceará.

Abstract: The “kangaroo” generation is formed by young people who prolong the coexistence in the house of the parents even after achieving certain financial independence. Knowing that this aspect remains little explored in Brazil, especially at the state level, this article aims to investigate the determinants of this generation of young people aged 25 to 34 years in the state of Ceará. Therefore, the influence of the family environment and the gender differential are considered. It is used an econometric model of qualitative order, the Multilevel logit. Data are from the National Sample Household Survey (NSHS) for the year 2012. The main results showed a strong influence of the family structure on the decision to be a kangaroo. Thus, there are unobserved factors within the home affecting young adult behavior. Finally, regardless of the gender of the young, those who have a living mother and are students are more likely to be kangaroos.

Keywords: Kangaroo Generation; Determinants; Ceará.

Classificação JEL: J1, J11, J12, J13.

¹ Juliane da Silva Ciriaco

² Otoniel Rodrigues dos Anjos Júnior

³ Priscila Silva Rodrigues

¹ Doutoranda em Economia pelo Centro de Aperfeiçoamento de Economistas do Nordeste da Universidade Federal do Ceará (CAEN-UFC). E-mail: julianeciriaco@hotmail.com. End. Av. da Universidade, 2762 - 2º andar - Benfica - CEP: 60.020-181 - Fortaleza-CE.

² Doutorando em Economia pelo Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal da Paraíba (PPGE-UFPB). E-mail: pbdosanjos@hotmail.com.

³ Doutoranda em Economia pelo Centro de Aperfeiçoamento de Economistas do Nordeste da Universidade Federal do Ceará (CAEN-UFC). E-mail: priscilarodrigues65@yahoo.com.br.

1 Introdução

A tendência mundial no prolongamento da convivência familiar vem despertando o interesse da mídia e de pesquisadores no Brasil e no mundo. Isso porque a família antigamente marcada pela hierarquia entre os membros, atualmente, está regida por ideais mais igualitários, viabilizando maior espaço de diálogo entre as gerações (HENRIQUES, JABLONSKI e FERES-CARNEIRO, 2004). Nessa esfera, tornou-se bastante comum ver jovens com idade adulta entre 25 e 34 anos residindo com seus pais, mesmo após ter alcançado relativa estabilidade financeira. Tal segmento da população foi denominado pela literatura especializada de “cangurus” (COBO e SABOIA, 2010; MORAIS e RÊGO, 2011).

A justificativa para permanência no lar parental está condicionada por diversos fatores, envolvendo questões de ordem pessoal, familiar e social, dentre as principais razões podem-se destacar: a) falta de segurança no campo profissional, financeiro e afetivo (BUNGE *et al.*, 2012); b) maior liberdade sexual e de expressão (GALLAGHER, 2013); c) custo habitacional (MORAIS e RÊGO, 2011); d) comodismo, praticidade e falta de maturidade (COBO e SABOIA, 2010); e) novos padrões de consumo (FERREIRA, RESENDE e LOURENÇO, 2011); f) insegurança e violência (HENRIQUES, JABLONSKI e FERES-CARNEIRO, 2004); g) dependência emocional (CARVALHO, 2009).

Nos Estados Unidos, 36% dos indivíduos de 18 a 31 anos vivia com o pai e/ou mãe em 2012. Esse percentual representa um recorde histórico nos últimos 40 anos com pouco mais de um em cada três jovens vivendo nessa situação (FRY, 2013).

No Brasil, 24,3% dos jovens com idade entre 25 e 34 anos moravam com os pais em 2012, com maioria (60%) do sexo masculino (CIRIACO, ANJOS JUNIOR e MOREIRA, 2016). Na mesma pesquisa, os autores mostram que esses jovens adultos que residem no lar de origem apresentam elevadas taxas de ocupação, participam mais da rede de ensino e possuem maior nível de escolaridade (CIRIACO, ANJOS JUNIOR e MOREIRA, 2016).

Além disso, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD, 2012), dentre as macrorregiões brasileiras, o Nordeste com 24,3% apresenta o segundo maior percentual de jovens morando com os pais, essa região perde apenas para o Sudeste com 26,7%. Por sua vez, o estado do Ceará apresenta posição de destaque com aproximadamente 25,8% de indivíduos na faixa de 25 a 34 anos na situação canguru, sendo esse valor inferior apenas ao encontrado nos estados do Rio de Janeiro (27,2%), São Paulo (27,0%) e Minas Gerais (26,2%).

Diante do exposto, e sabendo que tal aspecto continua pouco explorado no Brasil, pode-se dizer que o presente artigo contribui com a literatura ao investigar em âmbito estadual os determinantes da geração canguru de jovens com idade entre 25 e 34 anos no Ceará, considerando-se a influência da conjuntura familiar e o diferencial de gênero. Logo, utiliza-se o modelo econométrico de ordem qualitativa, o *logit* Multinível, com dados oriundos da PNAD do ano de 2012.

O ano da análise foi escolhido buscando capturar possíveis efeitos de programas de investimento que culminaram em maior acesso à casa própria (ex: Programa Minha Casa, Minha Vida) uma vez que podem influenciar a decisão de morar ou não com os pais. O acesso a moradias pode impactar a situação dos jovens “cangurus” por meio da redução dos custos habitacionais, entendidos como importantes fatores associados ao fenômeno (MORAIS e RÊGO, 2011).

Para a consecução do presente estudo, optou-se por dividir a pesquisa em quatro partes, além desta introdução. Inicialmente, apresentam-se os estudos mais relevantes na literatura associada a temática. A seguinte contempla a descrição e tratamento do banco de dados. A quarta seção, reporta-se os principais resultados encontrados, ressaltando e discutindo os aspectos relevantes, que culminam nas considerações finais.

2 Revisão da Literatura

Desde o início do século XXI diversos pesquisadores brasileiros têm direcionado esforços para compreender a condição do jovem na conjuntura familiar. Um fenômeno social recente e ainda pouco estudado, mas que fomenta o debate sobre as reconfigurações dos arranjos familiares é a denominada “geração canguru” (COBO e SABOIA, 2010). No Brasil, esses estudos enfrentam limitação de base de dados adequadas e, por esse motivo, boa parte das pesquisas estão dispostas para América do Norte e Europa (DE VOS, 1989; FILGUEIRA e AMOROSO, 1997; MORAIS e RÊGO, 2011).

Os “jovens cangurus” são aqueles que prolongam a convivência familiar mesmo depois de atingir certa estabilidade financeira (COBO e SABOIA, 2010). A permanência na casa dos pais é um fenômeno que possui característica multidimensional abrangendo questões de ordem pessoal, familiar e social, podendo ser também fruto da ausência de segurança no campo profissional e afetivo (GALLAGHER, 2013).

A “estadia extra” dos filhos no lar de origem pode ser motivado por: i) ambivalência dos pais no que concerne à saída dos filhos de casa (HENRIQUES, JABLONSKI e FERES-CARNEIRO, 2004); ii) transformações dos laços afetivos (HENRIQUES, JABLONSKI e FERES-CARNEIRO, 2004; VIEIRA e RAVA, 2010; GALLAGHER, 2013); iii) fatores sociodemográficos tais como fecundidade e divórcio (COBO e SABOIA, 2010).

Sequencialmente, tem-se outros fatores como: iv) transição escolar, insegurança e violência urbana (CAMARANO *et al.*, 2003; HENRIQUES, JABLONSKI e FERES-CARNEIRO, 2004; FERREIRA, REZENDE e LOURENÇO, 2011; CARVALHO, 2009; COBO e SABOIA, 2010; NICO, 2012); v) recessão no mercado de trabalho e desemprego (OLIVEIRA e CARVALHO, 2010; NICO, 2012).

As condições adversas dos jovens no mercado de trabalho, por exemplo, atinge até mesmo aqueles com bom nível de instrução e conhecimento técnico (MATEESCU e NEAGU, 2014), sobretudo devido à falta de experiência profissional (LOURENÇO, 2002). Essas dificuldades podem ser potencializadas nos períodos de crise financeira (FURCERI e MOUROUGANE, 2009; DEMIDOVA e SIGNORELLI, 2011; O’HIGGINS, 2012; MARELLI, PATUELLI e SIGNORELLI, 2012; BRADA e SIGNORELLI, 2012; BOERI, GARIBALDI e MOEN, 2013; DAL BIANCO, BRUNO e SIGNORELLI, 2015) uma vez que enfrentam maior sensibilidade a essas conjunturas desfavoráveis (VERICK, 2009; O’HIGGINS, 2011; O’HIGGINS, 2012; DAL BIANCO, BRUNO e SIGNORELLI, 2015) sofrendo mais com os efeitos da recessão e do desemprego (OLIVEIRA e CARVALHO, 2010; NICO, 2012).

Por sua vez, à dura realidade encontrada pelos indivíduos fora do seio familiar (FICHTNER, 2004; STRAUBER, 2005; HENRIQUES, FÉRES-CARNEIRO e MAGALHÃES, 2006) e a chamada Síndrome de Peter Pan impedem o amadurecimento levando os filhos a se recusarem a assumir responsabilidades naturais de pessoas adultas (COBO e SABOIA, 2010). Na mesma linha, há pesquisas apontando que um apego inseguro na infância pode causar temores nos jovens adultos frente a uma nova vida sem a presença dos pais, levando ao adiamento da transição para um arranjo independente (BOWLBY, 2002; ABREU, 2005; VIEIRA e RAVA, 2010).

O conforto familiar, a segurança financeira, um bom padrão de vida, a progressão na carreira profissional, possibilidade de economizar, investir na carreira ou manter um nível de consumo desejado, são tidos como prioridades e acabam atrasando a emancipação de alguns jovens (FERREIRA, REZENDE e LOURENÇO, 2011). Além disso, os pais parecem não cobrar dos filhos a sua independência como se fazia no passado (FERREIRA, REZENDE e LOURENÇO, 2011).

A evolução da sociedade trouxe implicações sobre o comportamento dos arranjos

familiares ao permitir criar um novo espaço de convivência (GALLAGHER, 2013; HENRIQUES, JABLONSKI e FÉRES-CARNEIRO, 2004).

A questão central que recai sobre a chamada “geração canguru”, no entanto, é que a opção de morar com os pais é feita de forma voluntária uma vez que a maioria possui condições econômicas de se sustentarem (COBO e SABOIA, 2010). Esse novo arranjo familiar em que jovens financeiramente estabilizados permanecem morando com os pais por opção, tem rendido muita discussão (LOPES, 1999; HENRIQUES, 2004; MENDONÇA, 2004; SILVEIRA e WAGNER, 2006; NASCIMENTO, 2006; LANNA, 2007; FERREIRA, REZENDE e LOURENÇO, 2011; FIGUEIREDO e CERVENY, 2012; BUNGE *et al.*, 2012; NASCIMENTO, 2016; COBO e SABOIA, 2010).

Recentemente, a pesquisa realizada com dados da PNAD dos anos de 2002 e 2012, mostra que em dez anos o aumento de pessoas adultas morando com os pais foi de 3,8 p.p. saindo de 20,5% para 24,3%. No mais, a decisão dos jovens brasileiros de permanecerem no ninho está fortemente associada ao fato do indivíduo ser homem, possuir mãe viva, estudar e ter idosos no lar. Por fim, a educação se tornou o principal fator de incentivo a levar o indivíduo, na fase adulta, a morar com a família de origem (CIRIACO, ANJOS JUNIOR e MOREIRA, 2016).

3. Estratégia Metodológica e Base de Dados

Nesta seção, apresenta-se a metodologia para a execução da investigação proposta em que o modelo adotado é o *Logit* Multinomial com foco na abordagem hierárquica. No mais, traz-se informações detalhadas sobre a base de dados como descrição das variáveis e suas características.

3.1 Abordagem Hierárquica

Os modelos multiníveis, em linhas gerais, são utilizados para estudar os dados hierarquicamente organizados cujas unidades de observação em um nível estão aninhadas em unidades de observação em níveis superiores (SILVA, GONÇALVES e FREGUGLIA, 2011). Tendo em vista que ao se agregar ou desagregar a base de dados pode-se cometer erros vinculados à falácia ecológica ou atomística (HOX, 2002).⁴

Para se obter um maior entendimento sobre os fatores que afetam as chances dos indivíduos de estarem na condição “canguru”, considera-se a influência simultânea das características de ordem individual (nível 1) e familiar (nível 2). Nessa modelagem, tem-se que a variável dependente é dicotômica, onde se atribui o valor de “um” para os indivíduos entre 25 a 34 anos que possuem *status* de “filho” no domicílio e “zero” caso o indivíduo nesta faixa de idade possua *status* de “chefe” ou “conjugue” do responsável pelo lar. Logo, a probabilidade de ocorrência do evento é dada por $\eta_{ij} = \log\left(\frac{\Phi_{ij}}{1 - \Phi_{ij}}\right)$ e $\Pr(canguru = 1 / \alpha) = \Phi_{ij}$, é modelado por uma função de ligação *logit*, descrita como:

$$\eta_{ij} = \log\left(\frac{\Phi_{ij}}{1 - \Phi_{ij}}\right) = \alpha_{oj} + \sum_q \alpha_q X_{qij} + \varepsilon_{ij} \quad (1)$$

$$\alpha_{oj} = \Phi_{oo} + \sum_s \Phi_{os} W_{sj} + r_{oj} \quad (2)$$

$$\alpha_{qj} = \Phi_{qo} \quad (3)$$

⁴ A primeira consiste em interpretar dados agregados à nível individual, enquanto a segunda, refere-se em fazer inferências em um nível mais alto baseado na análise de dados individuais.

O subscrito i refere-se ao indivíduo e j a família ao qual este faz parte. Assim, α_{oj} representa o intercepto; X_{qij} é o valor associado as q variáveis incluídas no modelo; α_q é o efeito parcial das variáveis nas chances de ocorrência da condição "canguru" e ξ_{ij} corresponde o termo de erro (do nível 1) com distribuição logística padronizada com média zero e variância igual a σ_ξ^2 .

No segundo nível, expresso pela equação 2, assume-se que o intercepto do nível 1, α_{oj} , varia aleatoriamente em todas as famílias, enquanto admite-se inclinação igual para todas as unidades de nível 2 (ver equação 3), mudando somente o intercepto de cada unidade j , que é representada por $(\Phi_{oo} + r_{oj})$. Logo, o intercepto está decomposto no valor médio global para todos os indivíduos (Φ_{oo}) e pelo componente aleatório associado ao segundo nível (r_{oj}). Substituindo a Equação (2) e (3), na (1), tem-se a equação (4) exposta a seguir:

$$\log\left(\frac{\Phi_{ij}}{1-\Phi_{ij}}\right) = \Phi_{oo} + \sum_s \phi_{os} W_{sj} + \sum_q \phi_q X_{qij} + \xi_{ij} + r_{oj} \quad (4)$$

W_{sj} = valor associado as s variáveis relacionada ao nível 2.

Com, $r_{oj} \sim N(0, \sigma_{oo}^2)$.

Na abordagem hierárquica é conveniente a estimação do modelo de baixo para cima em que se tem como ponto de partida o Modelo Nulo. Usa-se o coeficiente de correlação intraclass com o intuito de verificar se é justificável a inclusão do segundo nível. A métrica é representada por:

$$p_{logit} = \frac{\sigma_{oo}^2}{\sigma_{oo}^2 + \sigma_\xi^2}, \text{ com } 0 \leq p_{logit} \leq 1$$

No qual, σ_{oo}^2 representa a variância residual do nível 2, que por suposição é normalmente distribuída, enquanto $\sigma_\xi^2 = (\pi^2/3) = 3,29$ representa a variância residual do nível 1. O p_{logit} mensura a proporção da variância entre o grupo frente à variância total, ou seja, indica o quanto da variação observada na variável explicada pode ser atribuído às características no nível dos grupos, variando entre 0 e 1. Nesse contexto, quanto mais próximo de zero o valor, então, significa que os grupos entre si considerados são mais homogêneos, logo o comportamento do indivíduo independe do grupo que este frequenta, por sua vez, quanto mais o p_{logit} se aproxima de 1, tem-se que a variabilidade no padrão comportamental dos indivíduos nos grupos se deve basicamente às diferenças existentes entre esses grupos.

3.2 Construção do Modelo Multinível

O passo inicial para análise da trajetória de construção de um modelo Hierárquico consiste na especificação mais simples, chamado de Modelo Nulo ou Vazio, em que se observa apenas as variações no comportamento dos indivíduos (nível 1), dadas pelas diferenças atribuídas ao meio familiar (nível 2), expresso por:

$$\log\left[\frac{\Phi_{ij}}{1-\Phi_{ij}}\right] = \alpha_{oj} + \xi_{ij} \quad (\text{Indivíduo}) \quad (5)$$

$$\alpha_{oj} = \phi_{oo} + r_{oj} \quad (\text{Família}) \quad (6)$$

Introduzindo as equações 6 na 5, obtém-se o 1º modelo expresso por:

Modelo Vazio ou Nulo

$$\log \left[\Phi_{ij} / (1 - \Phi_{ij}) \right] = \phi_{oo} + r_{oj} + \xi_{ij} \quad (7)$$

Em seguida, procura-se estimar a existência de variações no comportamento dos indivíduos causados pelas diferenças existentes entre as famílias, ao incluir as variáveis relacionadas às características individuais. Dessa forma, o modelo é especificado como:

$$\log \left[\Phi_{ij} / (1 - \Phi_{ij}) \right] = \alpha_{oj} + \alpha_{1j} \text{Indivíduo}_{ij} + \xi_{ij} \quad (\text{Indivíduo}) \quad (8)$$

$$\alpha_{oj} = \phi_{oo} + r_{oj} \quad (\text{Família}) \quad (9)$$

$$\alpha_{kj} = \phi_{qo} \text{ tal que: } q=1 \quad (\text{Família}) \quad (10)$$

Substituindo as equações (9) e (10) em (8), obtém-se o 2º modelo:

Modelo 1

$$\log \left[\Phi_{ij} / (1 - \Phi_{ij}) \right] = \phi_{oo} + \phi_{10} \text{Indivíduo}_{ij} + r_{oj} + \xi_{ij} \quad (11)$$

Finalizando, na última especificação, além das variáveis expostas anteriormente, acrescenta-se a variável que representam a *Influência Familiar* ilustradas abaixo:

$$\log \left[\Phi_{ij} / (1 - \Phi_{ij}) \right] = \alpha_{oj} + \alpha_{1j} \text{Indivíduo}_{ij} + \xi_{ij} \quad (\text{Indivíduo}) \quad (12)$$

$$\alpha_{oj} = \phi_{oo} + \phi_{o1} \text{Influência_Familiar}_{ij} + r_{oj} \quad (\text{Família}) \quad (13)$$

$$\alpha_{kj} = \phi_{qo} \text{ tal que: } q=1 \quad (\text{Família}) \quad (14)$$

Inserindo as equações 13 e 14 na equação 12, tem-se o modelo 3, expresso pela equação abaixo:

Modelo 2

$$\log \left[\Phi_{ij} / (1 - \Phi_{ij}) \right] = \phi_{oo} + \phi_{o1} \text{Influência_Familiar}_{ij} + \phi_{10} \text{Indivíduo}_{ij} + r_{oj} + \xi_{ij} \quad (15)$$

As variáveis do modelo final representam a conjuntura familiar do “jovem adulto” as quais buscam captar a influência de determinados fatores não observados e que podem

repercutir sobre seu comportamento. Adicionalmente, com o objetivo de entender a importância direta das características relacionadas a conjuntura familiar, usa-se a métrica proposta por Raudenbush e Bryk (2002). Este método visa verificar o quanto a introdução das variáveis do segundo nível ajuda a explicar a variabilidade relacionado ao intercepto do modelo não condicional. Ressalta-se que quanto menor o componente da variância, então, mais elevado é o poder explicativo das variáveis atribuíveis ao segundo nível, obtidas pela seguinte expressão::

$$\text{Variância Explicada} = \left(\frac{\sigma_{oo(\text{não condicional})}^2 - \sigma_{oo(\text{condicional})}^2}{\sigma_{oo(\text{não condicional})}^2} \right) * 100$$

Onde

σ_{oo}^2 = Estimativa do componente da variância do intercepto do modelo não condicional⁵ e modelo condicional (o qual inclui-se as variáveis de nível 2).

3.3 Banco de Dados

Para a realização deste trabalho, utilizou-se os microdados da PNAD do ano de 2012, essas informações abrangem todo território nacional e estão disponíveis anualmente no portal do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A escolha desse banco de dados consiste na gama de informações disponíveis sobre população residente no país.

O estudo é compreendido por dois níveis em que o primeiro se refere as características individuais dos jovens e o segundo representa a estrutura de agrupamento relacionado a Família do mesmo. Com o intuito de atender os objetivos dessa pesquisa, foram aplicados alguns filtros como excluir aqueles jovens que simultaneamente não se enquadravam em nenhuma das categorias analisadas, ou seja, aqueles indivíduos que não eram “cangurus” e não eram “independentes”.

No mais, foram considerados somente os jovens de 25 a 34 anos de idade, excluindo-se aqueles indivíduos com rendimento familiar *per capita* igual ou inferior a R\$ 96, ou seja, os lares 10% mais pobres do Estado⁶.

Por sua vez, destaca-se que foram considerados como “jovens cangurus”, somente aqueles indivíduos que tinham posição familiar de dependente, o qual nesta pesquisa é designado pelos indivíduos que detinham *status* de filho na residência; já no caso do jovem independente dos pais, foram considerados apenas indivíduos que tinham posição domiciliar de chefe da família e cônjuge do indivíduo considerado como responsável pelo lar, os demais foram excluídos da amostra.

Após todos esses filtros e exclusão das observações faltantes (*missings values*) restaram um total de 2.458 observações para o primeiro nível, enquanto no segundo restaram 1.927 observações, conjuntamente para os homens e mulheres.

Por sua vez, as variáveis explicativas são exemplificadas na Tabela 1:

Antes da exposição dos resultados econométricos, contempla-se na Tabela 2 as estatísticas descritivas das variáveis utilizadas. Observa-se, inicialmente, para as mulheres, partindo-se de uma amostra de 1.240 indivíduos, que a idade média das jovens equivale a 29 anos, sendo que por volta de 33% são de raça branca, com média de aproximadamente 9,5 anos de estudo, residente em lares compostos por 3 membros em média e que possuem um menor número de crianças (0,37), com mais de 92% das famílias com mãe viva. No referente ao *status* ocupacional e localização, 10% estudam

⁵ Esse modelo é denominado de não condicional, pois permite mensurar a variabilidade não condicional do segundo nível.

⁶ Tal filtro foi realizado porque acredita-se que a condição canguru é menos evidente em famílias de baixa renda. Ademais, ressalta-se que alguns fatores referentes ao lar de origem daqueles jovens que haviam saído de casa para constituir seu próprio domicílio não puderam ser incorporados junto a estratégia empírica devido a não disponibilidade de dados (ex: escolaridade do pai e mãe, nível de riqueza dos pais).

e pouco mais de 62% trabalham, localizados em sua maioria na região metropolitana.

Tabela 1. Ceará: Descrição das variáveis utilizadas no modelo econométrico

Variáveis	Banco	Descrição
Idade	Nível 1 (Características Individuais)	Aferida em anos de vida, adiciona-se também o termo quadrático
Branca		1 para cor Branca e 0 caso contrário
Estuda		1 se estuda e 0 caso contrário
Anos de Estudo		Correspondente à série, ao nível ou ao grau do jovem. A equivalência é feita de maneira que cada série concluída com aprovação é considerada como 1 ano de estudo
Metro		1 para o jovem que mora na região metropolitana e 0 caso contrário
Trabalha		1 se trabalha e 0 caso contrário
Mãe viva	Nível 2 (Características do Lar dos Jovens Independentes e Cangurus)	1 para mãe viva e 0 caso contrário
Ter Crianças		Número de crianças com idade inferior a 5 anos
Tamanho		Membros do Lar

Fonte: Elaboração Própria.

Tabela 2. Ceará: Ceará: Característica da Amostra, 2012.

Variáveis/ Sexo	Mulher				Homem			
	Média	Desvio	Mínimo	Máximo	Média	Desvio	Mínimo	Máximo
Mãe viva	0,927	0,26	0	1	0,936	0,245	0	1
Tamanho	3,504	1,334	1	12	3,534	1,477	1	12
Metro	0,661	0,473	0	1	0,637	0,481	0	1
Ter Crianças	0,377	0,568	0	3	0,332	0,551	0	3
Branca	0,333	0,471	0	1	0,313	0,464	0	1
Anos de Estudo	9,557	3,78	0	15	8,601	4,109	0	15
Idade	29,39	2,805	25	34	29,26	2,864	25	34
Idade ²	871,8	165,1	625	1.156	864,5	168,4	625	1.156
Estuda	0,101	0,301	0	1	0,0704	0,256	0	1
Trabalha	0,626	0,484	0	1	0,876	0,329	0	1

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da PNAD.

Para os Homens, a amostra foi composta por 1.218 indivíduos, com características

similares ao público feminino anteriormente analisada: média de 29 anos de idade e com 8,6 anos de estudo, com 31,3% de cor branca, compostos por lares com 3 integrantes, menor média de crianças em casa (0,33), mãe presente em aproximadamente 94 % dos domicílios, sendo que pouco mais 63% residentes da região metropolitana. Ademais, chama-se a atenção que 87% dos Homens trabalham, ao passo que 7% estudam.

4 Resultados Econométricos

Dado à hierarquia dos dados, a utilização da modelagem Multinível se faz necessária, uma vez que possibilita a determinação dos efeitos diretos (nível 1) e dos efeitos indiretos (nível 2). A primeira etapa da abordagem consiste na análise do modelo Vazio, em que nenhuma variável é inserida, com intuito de constatar aleatoriedade dos coeficientes, exposto na Tabela 3. Adicionalmente, testa-se a significância estatística da variância por meio do teste de razão verossimilhança⁷ o qual possui como hipótese nula a variância igual a zero.

Constata-se que no modelo nulo, independente do sexo, a variância contextual é significativamente diferente de zero, por sua vez, é aceitável que as famílias apresentem valores diferenciados para a probabilidade dos “jovens adultos” serem cangurus⁸. De forma adicional, o coeficiente de correlação intraclasse evidenciou que 70% e 80% da variação na probabilidade, respectivamente, do indivíduo do sexo feminino e masculino morar com os pais são atribuídas às características a nível familiar. O teste de razão verossimilhança bem como o valor do p_{logit} torna justificável o emprego da abordagem hierárquica⁹ ao invés de um modelo de regressão clássico.

Como para os seis modelos analisados (na totalidade considerando homens e mulheres) as variâncias contextuais são estatisticamente diferentes de zero, rejeita-se a hipótese nula de intercepto com efeito aleatório, logo as probabilidades de ser canguru diferem de acordo com a família no qual o mesmo está inserido para todas as especificações. Dessa forma, o próximo passo consiste em verificar a importância direta das variáveis medidas no nível 2, para tanto, usa-se o percentual da variância explicada, comparando-se a *Modelo 2* (condicional) com o *Modelo 1* (não-condicional¹⁰).

Com a utilização desse procedimento, conclui-se que a inclusão das variáveis que caracterizam a “*Influência Familiar*” explica conjuntamente para as mulheres 10,7% da variância do intercepto, enquanto para os homens esse valor é de 6,8%. Ou seja, na devida ordem, 10,7% e 6,8% da variação na probabilidade da mulher e do homem estar na condição canguru são explicados pelas diferenças atribuídas à presença materna, existência de criança e tamanho da família dos lares cearenses.

Em linhas gerais, boa parte das variáveis mostram-se significativas, e com sinal esperado na maioria dos casos. Os resultados do último modelo evidenciam que jovens mais escolarizadas e que estão estudando possuem maior probabilidade de continuar morando na casa parental, o que já era esperado, dado que um dos principais suportes oferecidos pelos pais para a permanência juvenil no domicílio é possibilitar a obtenção de maior nível de escolaridade e qualificação, corroborando os argumentos de outros autores (COBO e SABOIA, 2010; MORAIS e RÊGO, 2011; CIRIACO, ANJOS JUNIOR e MOREIRA, 2016).

A existência de mãe no lar, mostrou-se significativa estatisticamente e com sinal positivo na probabilidade de o jovem adulto residir com a família, sendo este efeito superior entre as mulheres comparativamente aos homens. As evidências apontam que, para as jovens, possuir mãe viva aumenta em 26 vezes a chance de permanecer na casa dos pais em relação aquelas que não tinham, destarte que para os homens estas chances representam pouco mais de 5 vezes. Esse resultado também já era esperado

⁷ Optou-se por escolher esse teste devido ao procedimento de estimação adotado, máxima verossimilhança.

⁸ O teste da razão da máxima verossimilhança com um grau de liberdade para as Mulheres foi 28,42, com um significativo valor de probabilidade (<0,0001), enquanto para os Homens 73,98, com um significativo valor de probabilidade (<0,0001), indicando a possível existência de estrutura de agrupamento.

⁹ Recomenda-se o uso da modelagem Multinível sempre que o p_{logit} for maior que 0,01 (HOPE; SHANNON, 2005). agrupamento.

¹⁰ Utiliza-se esta nomenclatura devido à inclusão de apenas as variáveis explicativas associadas às características individuais da amostra.

uma vez que os indivíduos residentes em lares com ausência da figura maternal, tendem de certa forma acelerar a transição para um arranjo independente (CIRIACO, ANJOS JUNIOR e MOREIRA, 2016).

Tabela 3. Ceará: Determinantes da Geração Canguru, 2012

Componente Fixo	Mulher				Homem			
	Especi- ficação Nula	Especifi- cação1	Especifi- cação2	Razão das chances	Especi- ficação Nula	Especifi- cação1	Especifi- cação2	Razão das chances
Branca		0.336 (0.296)	0.289 (0.298)	1.335 (0.398)		0.229 (0.315)	0.202 (0.340)	1.223 (0.415)
Trabalha		0.724** (0.311)	0.581* (0.322)	1.788* (0.576)		-4.553*** (0.628)	-4.051*** (0.745)	0.017*** (0.013)
Estuda		1.408*** (0.464)	0.882* (0.464)	2.415* (1.11)		1.934*** (0.603)	1.474** (0.677)	4.367** (2.95)
Anos de Estudo		0.145*** (0.0431)	0.223*** (0.0545)	1.249*** (0.068)		0.0727* (0.0399)	0.150*** (0.0477)	1.161*** (0.055)
Idade		-1.869* (1.13)	-1.445 (1.16)	0.235 (0.275)		-0.724 (1.19)	0.164 (1.29)	1.178 (1.52)
Idade ²		0.0267 (0.0192)	0.0189 (0.0197)	1.019 (0.020)		0.00821 (0.0203)	-0.00751 (0.0221)	0.992 (0.021)
Metro		-0.205 (0.293)	-0.244 (0.298)	0.734 (0.233)		-0.323 (0.318)	-0.355 (0.344)	0.700 (0.241)
Ter Crianças			-2.628*** (0.518)	0.072*** (0.037)			-4.838*** (0.749)	0.007*** (0.006)
Tamanho do lar			0.994*** (0.195)	2.702*** (0.526)			1.674*** (0.260)	5.333*** (1.38)
Mãe Viva			3.271*** (0.977)	26.32*** (25.72)			1.751** (0.749)	5.759** (4.31)
Constante	-2.040*** (0.259)	27.41* (16.46)	15.57 (16.86)	—	-1.432*** (0.203)	16.10 (17.33)	-3.478 (18.90)	—
Componente Aleatório								
σ^2_{ϵ}	7.94***	8.70***	7.77***		13.20***	10.69***	9.96***	
Variância Expli- cada			10.7				6.83	

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da PNAD. Nota: Desvio Padrão em Parênteses. ***p < 0.01, **p < 0.05, *p < 0.1.

A partir dos resultados, sugere-se que a não existência materna pode representar uma perda fundamental de recursos disponíveis uma vez que na maioria dos casos é a mãe que tende a alocar seu tempo para a realização de afazeres domésticos (ex: comida e roupa lavada), trabalho e educação dos filhos. Nesse contexto, tem-se que tais achados corroboram com os encontrados por Carvalho (2009) os quais ressaltam que ambientes onde não existe a convivência maternal presente está devidamente susceptível a possíveis conflitos familiares, principalmente quando a ausência da mesma

é substituída por uma madrastra.

Por sua vez, estar trabalhando aumenta as chances de morar com os genitores para a mulher enquanto para o homem aumenta a probabilidade de sair da casa e formar um novo domicílio. Ressalta-se, que para certificar, se tal comportamento ocorre ou não, é essencial uma análise mais aprofundada do banco de dados, uma vez que tal diferença entre os gêneros pode estar sendo influenciado pelo nível de renda pessoal e tipo de inserção no mercado de trabalho.

Sugere-se que, independente do gênero, um dos principais fatores para a saída da casa dos pais está associado a maternidade ou casamento, como apontado por Cobo e Saboia (2010), tendo em vista que a maior quantidade de crianças reduz as chances de residir com os genitores. No referente ao tamanho da família, aqueles que residem em famílias numerosas, de forma geral, possuem chances maiores de residir com pai e/ou mãe. Já as características relacionadas a raça, idade e de localização geográfica do jovem não apresentaram significância estatisticamente, sugerindo que as mesmas não explicam este efeito para o estado do Ceará.

É importante perceber que, apesar das características individuais e familiares explicarem em parte as chances de estar na condição canguru, ainda existe uma parcela relevante da proporção da variância (σ^2_{oo}) que permanece ainda não explicada, dada pelo intercepto. Tal resultado, pode estar condicionado a fatores não observados nas famílias, como aspectos culturais, religiosos, e de insegurança tanto no lado profissional como afetivo.

Por fim, ressalta-se que os resultados encontrados sobre às características individuais, familiares ratificam a análise descritiva preliminar e também corroboram em boa parte com aspectos expostos na literatura nacional e internacional (DEVOS, 1989; HENRIQUES, JABLONSKI e FÉRES-CARNEIRO, 2004; FERREIRA, REZENDE e LOURENÇO, 2011; CARVALHO, 2009; COBO e SABOIA, 2010; MORAIS e RÊGO, 2011; NICO, 2012; CIRIACO, ANJOS JUNIOR e MOREIRA, 2016).

5 Considerações Finais

O artigo investiga o efeito da conjuntura familiar na determinação da condição canguru no Ceará considerando a estrutura hierárquica dos dados, afim de não incorrer na falácia ecológica ou atomística evidenciada por Hox (2002).

Buscou-se complementar as pesquisas de Cobo e Saboia (2010), Moraes e Rêgo (2011) e Carvalho (2009) ao analisar o perfil dos adultos que permaneceram ou deixaram o lar de origem. Em relação aos expostos nos demais trabalhos, este avança ao aprofundar empiricamente o entendimento sobre a temática, tentando captar a influência simultânea das características de ordem individual (nível 1) e familiar (nível 2) que podem repercutir sobre o comportamento do indivíduo.

Os achados indicam uma forte influência da estrutura familiar, ou seja, acredita-se que existem fatores não observados nos lares que vão afetar o comportamento do jovem adulto. Os resultados mostram que 80% e 70% da variância nas chances de estar na condição canguru, para homens e mulheres, respectivamente, são atribuídas as características a nível familiar, mostrando a importância do uso de Modelos de Regressão Logística Multinível ou Hierárquico, afim de evitar estimativas ineficientes e/ou enviesadas.

Comprovou-se, a partir dos resultados, que os fatores mais impactantes na decisão de permanecer ou não no ninho estão relacionados ao fato do jovem estar estudando, possuir mãe viva e o tamanho da família.

A dificuldade ao se estudar os determinantes da geração canguru, consiste na falta de

dados apropriados para as análises, visto que o banco de dados em questão não permite acompanhar o indivíduo ao longo do tempo, bem como conhecer a fundo os principais motivos que levaram o indivíduo a sair ou não do lar de origem. Desta forma, sugere-se para futuras pesquisas verificar o tipo de arranjo domiciliar, fazendo-se uma distinção entre tipos de famílias, ou seja, constituídas por: laços matrimoniais, da coabitação, unipessoais, com ou sem parentes. Essa subdivisão poderá permitir maior detalhamento sobre o destino e possíveis repercussões sobre a vida desses agentes, permitindo maior entendimento sobre a conjuntura familiar em diversas óticas.

Por fim, esta pesquisa não visa encerrar as discussões do problema e nem apresentar a solução final acerca da questão. Sendo assim, busca-se encontrar não a fórmula que soluciona os seculares problemas advindos da inter-relação humana no seio familiar, e sim, enumerar a menor quantidade de respostas plausíveis e significantes para, com isso, auxiliar a elaboração de políticas públicas mais ajustadas. Neste contexto, tais iniciativas seriam elaboradas por meio da utilização de informações menos obscuras acerca do comportamento da dinâmica da população jovem dos tempos modernos.

Referências

- ABREU, C. N. Teoria do Apego: Fundamentos, Pesquisas e Implicações Clínicas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.
- BOERI, T.; GARIBALDI, P.; MOEN, E. R. Financial shocks and labor: facts and theories. *IMF Economic Review*, v. 61, n. 4, p. 631-663, 2013.
- BOWLBY, J. Apego e perda: separação, angústia e raiva. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- BRADA, J. C.; SIGNORELLI, M. Comparing labor market performance: Some stylized facts and key findings. *Comparative Economic Studies*, v. 54, n. 2, p. 231-250, 2012.
- BUNGE, Miguel *et al.* O jovem adulto que reside com os pais: um estudo exploratório. *Mudanças-Psicologia da Saúde*, v. 20, n. 1-2, p. 51-62, 2012.
- CAMARANO, A. A.; PAZINATO, M. T.; KANSO, S.; VIANA, C. A transição para a vida adulta: novos ou velhos desafios? *Boletim de Mercado - conjuntura e análise*, Rio de Janeiro, v. 21, p. 53-66, 2003.
- CARVALHO, R. L. Casa, comida e roupa lavada: fatores associados à saída do jovem brasileiro do domicílio de origem. 2009. Dissertação (Mestrado em Demografia). Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
- CIRIACO, J. S.; ANJOS JUNIOR, O. R.; MOREIRA, I. T. Casa, comida, roupa lavada e amor de mãe: uma análise dos determinantes da geração canguru no Brasil. In: Wellington Ribeiro Justo; Denis Fernandes Alves; Susiane da Silva Bezerra. (Org.). *Conjuntura econômica e crise política: barreiras para o desenvolvimento macroeconômico do país*. 1ª ed. Crato-CE: URCA, v. 1, p. 70-86, 2016.
- COBO, Barbara; SABOIA, Ana Lucia. A geração canguru no Brasil. In: XVII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, Caxambu. *Anais do XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, ABEP, 2010.
- DAL BIANCO, S.; BRUNO, R. L.; SIGNORELLI, M. The joint impact of labour policies and the "Great Recession" on unemployment in Europe. *Economic Systems*, v. 39, n. 1, p. 3-26, 2015.
- DEVOS, S. Leaving the parental home: patterns in six Latin American countries. *Journal of Marriage and the Family*, n. 51, p. 615-626, Aug. 1989.
- DEMIDOVA, O.; SIGNORELLI, M. The impact of crises on youth unemployment of Russian

- Regions: An empirical analysis. *China-USA business review*, v. 10, n. 7, 2011.
- FERREIRA, P. A.; REZENDE, D. C.; LOURENÇO, C. D. S. Geração Canguru: Algumas tendências que orientam o consumo jovem e modificam o ciclo de vida familiar. *Espacios*, v. 32, n. 1, p. 1-17, 2011.
- FICHTNER, M. Casa, roupa lavada e a comidinha da mãe. *Revista Época*, seção família, ed. De 27/09/04.
- FIGUEIREDO, M. G.; CERVENY, C. M. O. Ninho cheio, geração canguru: a permanência do filho adulto em casa. *Pensando fam*, v. 16, n. 1, p. 143-162, 2012.
- FILGUEIRA, C. H.; AMOROSO, G.; FUENTES, A. Condiciones habitacionales de la juventud: elementos para el diseño de una política de vivienda. CEPAL, Oficina de Montevideo, 1997.
- FRY, RICHARD. A Rising Share of Young Adults Live in Their Parent's Home: A Record 21.6 Million in 2012. *Social and Demographic Trends*. Washington, DC: Pew Research Center, August 1, 2013.
- FURCERI, D.; MOUROUGANE, A. The effect of financial crises on potential output: new empirical evidence from OECD countries. *OECD Economic Department Working Papers*, n. 699, p. 1, 2009.
- GALLAGHER, I. M. Geração canguru entre o conforto e o desamparo. 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- HENRIQUES, C. R.; JABLONSKI, B.; FÉRES-CARNEIRO, T. A "geração canguru": Algumas questões sobre o prolongamento da convivência familiar. *Psico*, v. 35, n. 2, p. 195-205, 2004.
- HENRIQUES, C. R. "Geração Canguru": o prolongamento da convivência familiar. 2004.
- HENRIQUES, C. R.; FÉRES-CARNEIRO, T.; MAGALHÃES, A. S. Trabalho e família: o prolongamento da convivência familiar em questão. *Paidéia*, v. 16, n. 35, 2006.
- HOPE, A. D.; SHANNON, E. D. A comparison of two procedures to fit multi-level data: PROC GLM versus PROC MIXED. *Pennsylvania*, 2005.
- HOX, J. J. *Multilevel Analysis: Techniques and Applications*. 4. ed. Routledge Academic, 2002.
- LANNA, M. C. S. M. Geração canguru: quando os filhos não querem sair de casa. *Rede Pitágoras: Família em rede*, n. 1, p. 1-2, 2007.
- LOPES, C. F. A doce vida dos filhos-cangurus. *Galileu*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 95, p. 46-54, 1999.
- LOURENÇO, C. L. Características da inserção ocupacional dos jovens no Brasil. 2002. 131 f. Dissertação (Mestrado em Economia Social e do Trabalho). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2002.
- MARELLI, E.; PATUELLI, R.; SIGNORELLI, M. Regional unemployment in the EU before and after the global crisis. *Post-communist economies*, v. 24, n. 2, p. 155-175, 2012.
- MATEESCU, L. M.; NEAGU, A. M. Opportunities of labour market integration for young professionals. *Procedia Economics and Finance*, v. 8, p. 444-452, 2014.
- MENDONÇA, Martha. Mordomias na casa dos pais. *Revista Época*, Editora Globo, n. 332, p. 27, 2004.
- MORAIS, M. P.; RÊGO, P. A. Coabitação familiar e formação de novos domicílios nas áreas urbanas brasileiras. *Boletim regional, urbano e ambiental*, IPEA, 2011.
- NASCIMENTO, A. M. Transição para a vida adulta: situação dos filhos adultos brasileiros no período 1970-2000. 2006. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado)-Escola Nacional de Ciências Estatísticas, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, 2006.
- NASCIMENTO, A. M. Aspectos da transição para a vida adulta no Brasil, dos filhos adultos

que residem com os pais, segundo a Pesquisa sobre Padrões de Vida 1996-1997. Anais, p. 1-27, 2016.

NICO, M. L. Género e saída de casa dos pais. Os percursos de autonomia habitacional por diferentes camadas analíticas, Sociologias e-Working Papers, ISCSP, 2012.

O'HIGGINS, N. The impact of the economic and financial crisis and the policy response on youth employment in the European Union. In: Effaces International Workshop, Perugia, November. p. 10-11, 2011.

O'HIGGINS, N. This time it's different? Youth labour markets during 'the Great Recession'. Comparative Economic Studies, v. 54, n. 2, p. 395-412, 2012.

OLIVEIRA, L.; CARVALHO, H. Regulação e Mercado de Trabalho. Lisboa, 2010.

PNAD, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2012. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html?=&t=o-que-e>> Acesso em: 2017.

RAUDENBUSH, S. W.; BRYK, A. S. Hierarchical linear models: applications and data analysis methods. 2.ed. Londres, Nova Deli: Sage, 2002.

SILVA, A. R. A.; GONÇALVES, E.; FREGUGLIA, R. S. Condicionantes regionais e individuais da mobilidade de trabalhadores da indústria de transformação do Estado de São Paulo. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 2011, Foz do Iguaçu. XXXIX ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 2011.

SILVEIRA, P. G.; WAGNER, A. Ninho cheio: a permanência do adulto jovem em sua família de origem. Estudos de Psicologia, v. 23, n. 4, p. 441-453, 2006.

STRAUBER, K. Weber e os desafios da juventude e da família contemporânea. Família, Saúde e Desenvolvimento, v.7, n.2, p.181-191, maio/ago. 2005.

VERICK, S. Who is hit hardest during a financial crisis? The vulnerability of young men and women to unemployment in an economic downturn, Discussion Papers, n. 4359, 2009.

VIEIRA, A. C. S.; RAVA, P. G. S. Ninho cheio: uma nova etapa do ciclo vital familiar? Barbarói, n.33, p. 118-134, 2010.